

Artigo de Pesquisa

INTERAÇÕES DIGITAIS SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO INSTAGRAM DA ONG @SPINVISIVEL

Caroline Belo Cunha dos Santos¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Neste estudo de caso, observamos o perfil da ONG SP Invisível (@spinvisivel) no Instagram, com foco nas interações digitais em postagens sobre a população em situação de rua no início do período pandêmico, em 2020. Propomos descrever e interpretar as características da interação online entre internautas comuns em publicações sobre pessoas que vivem em extrema vulnerabilidade social, buscando compreender como participantes entendem esses indivíduos e como negociam sentidos na definição de realidade que pretendem mudar, com base na perspectiva neoliberal nascida no Vale do Silício e nas teorias da interação social. Como resultado, foram estipuladas as seguintes categorias analíticas: a) "A humanidade falhou": julgar e punir; b) "Botocadas e fúteis": o pequeno mundo dos privilégios; c) "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social.

PALAVRAS-CHAVE:

População em situação de rua. Interações digitais. Estudo de caso. Neoliberalismo. Interação social.

INTRODUÇÃO

¹ Mestre em Comunicação e Cultura no PPGCOM ECO-UFRJ. E-mail: carolinebelocs@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-6926-4535>

Hoje, o mundo, caracterizado por muitos como majoritariamente tecnológico, não é apenas resultado de um imperativo técnico, mas abrange uma visão de mundo ou ideologia². Barbrook e Cameron (2018) criticam o neoliberalismo nascido no Vale do Silício, ao formularem que as empresas alimentam a perspectiva meritocrática e o discurso de que as tecnologias de informação ampliam a liberdade dos indivíduos — pautada em empreendedorismo e competitividade — e reduzem o poder do Estado. Em contrapartida, o antiestatismo e a ideologia neoliberal — que são determinantes para a produção das tecnologias — conduzem uma grande quantidade de agrupamentos humanos a se reproduzirem dentro de uma lógica de livre mercado, gerando, por conseguinte, revoltas, exclusões e desigualdades de classe (Schradie, 2017).

Em outras palavras, formulamos que os "benefícios" idealizados em excesso por meio de perspectivas neoliberais radicais e cibernéticas são distribuídos de maneira desigual, e podem criar grupos de "vencedores" e "perdedores". Isto é, ao mesmo tempo em que as redes sociais parecem unir os indivíduos, com discursos e promessas democráticas e meritocráticas, também podem separá-los, fazendo crescer a intolerância e separando comunidades e grupos (Strate; Braga; Levinson, 2019; Schradie, 2017). "A desigualdade digital, muitas vezes chamada de divisória digital, é uma maneira de falar sobre como alguns grupos de pessoas não têm os meios para usar a Internet, ou outras tecnologias digitais, na mesma proporção que os outros grupos" (Schradie, 2017, p. 86).

Posto isso, num mundo contemporâneo onde há uma supremacia tecnológica, grupos considerados minoritários e caracterizados por não participarem efetivamente

² Isso significa que as tecnologias são também desenvolvidas para fins ideológicos, e não somente pelo aparato técnico, a "caixa preta" que seriam os notebooks, computadores e smartphones que facilitam e oferecem praticidade à vida cotidiana dos indivíduos.

de uma economia competitiva de mercado, além de serem considerados "bárbaros", "invisíveis", "subnormais" e definidos por carências, são localizados, sob perspectivas elitizadas, à margem do "mapa tecnológico". Em um estudo anterior (Rippel e Belo, 2024), argumentamos que há um movimento de resistência dos grupos subalternos ao poder, como, por exemplo, dos/as favelados/as, que, atualmente, por meio de algumas redes sociais tentam se expressar e se incluir digitalmente.

No entanto, observamos que outras histórias de coletividades humanas subalternas são impossibilitadas de serem contadas e suas demais participações em rede são praticamente inexistentes, pelo motivo de alguns indivíduos não terem acesso à Internet e às plataformas digitais, concomitante com o fato de serem considerados/as ainda mais à margem da sociedade. Dentre eles, podemos citar a população em situação de rua, que é pautada pela extrema pobreza e invisibilidade social. Em razão de uma ausência de recursos, sejam eles financeiros e/ou técnicos/tecnológicos, de forma mais acentuada em comparação com os/as favelados/as, observamos que encontram maiores obstáculos na participação de uma política digital para defender a plenitude dos próprios direitos e na interação com outras pessoas por meio das tecnologias. Quando se tornam, de alguma maneira, "visíveis" no ambiente digital, especialmente em notícias da grande mídia³, são pautados por carências e/ou por violências físicas e simbólicas.

Posto isso, com a finalidade de potencializar as vozes da população em situação de rua, algumas Organizações Não-Governamentais, por meio de ferramentas como as redes sociais, buscam difundir uma visão de mundo atrelada a uma ampliação dessas narrativas minoritárias no meio digital. Concomitantemente, incentivam o debate sobre direitos humanos e coletividades humanas negligenciadas em um meio on-line — onde esse grupo social, supostamente, quase não tem acesso.

³ Nos referimos à mídia de massas, que influencia um grande número de pessoas.

Um exemplo disso são os perfis de ONGs no Instagram que repensam o modelo de metrópole, como o SP Invisível⁴ (@spinvisivel), que incita o diálogo nas caixas de texto das suas publicações, contribuindo para fomentar interações simbólicas e digitais em torno de eixos como política e poder associados ao fenômeno da extrema pobreza.

Partindo da perspectiva neoliberal nascida no Vale do Silício (Schradie, 2017; Barbrook e Cameron, 2018) e das teorias da interação social (Simmel e Goffman *apud* Braga, 2008), buscamos compreender neste artigo de que maneira são fomentadas as reflexões sobre os "invisíveis" no perfil do @spinvisivel no Instagram e, nele, como são as diversas interações online sobre os/as sujeitos/as à margem da tecnologização. Evidenciamos o início do período pandêmico⁵, quando houve uma maior troca virtual e vulnerabilidade generalizada. E a problematização aponta para as seguintes perguntas: Como os/as comentadores/as negociam os sentidos na definição de realidade neoliberal que pretendem e desejam mudar? Como entendem a situação de rua a partir das postagens?

Este artigo é um estudo de caso que destaca as interações digitais nos espaços para comentários do Instagram, observando como os/as comentadores/as e internautas recebem, constroem e reconstroem significados atrelados ao neoliberalismo e à invisibilidade social a partir de publicações sobre a população em situação de rua veiculadas no perfil @spinvisivel. Vale salientar que investigamos o perfil de modo geral e usamos tais publicações como uma amostra do que ocorre no

⁴ Organização Não-Governamental que surgiu em 2014 com a proposta de publicar histórias de vidas da população em situação de rua e narrativas das cidades nas redes sociais para potencializar as vozes humanas e repensar o modelo de metrópole. E o Instagram @spinvisivel é a rede social com um maior volume de comentários sobre a população em situação de rua — pioneiro em reflexões sobre esse grupo no Brasil.

⁵ O período pandêmico da Covid-19 ocorreu, mais precisamente, entre 2020 e 2021. Naquele momento, foram desenvolvidas campanhas de educação, como #fiqueemcasa. No entanto, reflexões sobre a população em situação de rua surgiram no Instagram de ONGs, como: "E quem não tem casa?".

todo. Para tanto, escolhemos dois casos concretos de 2020 que viralizaram: 1) Morador em situação de rua é visto como um animal após receber comida com ração de cachorro; 2) e Bia Dória diz que população em situação de rua gosta de ficar na rua e, por isso, a sociedade não deve fornecer comida a eles/as.

Restringimo-nos a um conjunto de três postagens — somando em média 1.400 comentários —, observamos o que participantes comuns dizem diante das publicações e buscamos também dar visibilidade à temática pouco abordada no ambiente acadêmico, sendo uma tentativa de olhar por outro viés epistemológico, ou seja, sob a perspectiva da interação digital. Assim, as interpretações sobre os arranjos interacionais, especialmente sobre a população em situação de rua, abre oportunidades para outros tipos de investigação científica, uma vez que esse agrupamento humano ainda é pouco explorado em pesquisas acadêmicas de Comunicação.

1 TECNOLOGIAS DIGITAIS E NEOLIBERALISMO

Dardot e Laval (2017) diferenciam o liberalismo do neoliberalismo ao argumentarem que o segundo é pautado por uma competição. Os autores formulam que o neoliberal tende a ser competitivo e buscar o acesso a melhores informações, à medida que tenta processá-las de maneira singular. Sendo assim, o empreendedor ou empresário — que chamam de *homo agens* — computa informações de maneira disruptiva, uma vez que o acesso à informação é necessariamente desigual. Seguindo essa lógica, esse indivíduo, entendido como neoliberal, compreende a economia e os mercados por meio da competitividade, fomentando uma disputa pela desigualdade da computação da informação.

O neoliberalismo repensa a relação de circulação e processamento de informação na qual o ser humano e a máquina são comparados, partindo da premissa

de que esta aparece também como um elemento fundamental e é pensada por alguns estudiosos como uma extensão do indivíduo. Isso significa que o aparato técnico, especialmente no que se refere a um período notadamente composto por tecnologias digitais, supostamente é utilizado como extensão do poder de calculabilidade do sujeito neoliberal — diferentemente do liberalismo. Tais tecnologias são produzidas para fomentar a competição, o individualismo e o pensamento meritocrático, concomitante com o fato de dar a possibilidade de os indivíduos competirem com maior precisão e computarem informação ao adotarem próteses e demais extensões (Barbrook e Cameron, 2018; Dardot e Laval, 2017).

O computador é considerado uma extensão e uma prótese computacional, utilizado como processamento de dados. É possível fazer uma analogia à McLuhan (1974), quando o autor propõe que "[...] os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios" (p. 59). Tal pensamento está relacionado aos meios — não somente de comunicação, mas a qualquer objeto técnico que o ser humano utiliza para a mediação com o mundo físico — e o teórico se refere mais especificamente à tecnologia elétrica (McLuhan *apud* Strate; Braga; Levinson, 2019). Embora a formulação mcluhaniana não seja atrelada diretamente à revolução digital, por se tratar de um período posterior ao de seus estudos, neste artigo fazemos uma analogia às tecnologias digitais também como extensões.

[...] o homem é impelido a prolongar várias partes de seu corpo [...]. No caso da roda como extensão do pé, por exemplo, a pressão das novas cargas resultantes da aceleração das trocas por meios escritos e monetários criou as condições para a extensão ou "amputação" daquela função corporal [...]. Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou, ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central (McLuhan, 1974, pp. 60-61).

Estas "extensões", ao mesmo tempo em que têm benefícios, como o processamento de dados, também geram malefícios, como a segregação de grupos. Para Schradie (2017), os neoliberais, sob um discurso antiestatista, argumentam que as conquistas individuais ocorrem por meio da meritocracia, e os dispositivos digitais, caso as pessoas os possuam, servem para participar de uma política on-line. "A Internet como campo de jogo para o exercício dos direitos de cidadania faz parte do quadro neoliberal, mas a realidade é a exacerbação, e não a melhoria, das desigualdades políticas" (p. 87). Essa lógica — que também aponta o capitalismo como se tornando cada vez mais automatizado e tecnológico — exclui alguns grupos sociais — considerados como não pertencentes a uma economia de mercado — da dinâmica digital. "Em paralelo às sempre maiores divisões sociais, outro *apartheid* está sendo criado entre os 'ricos de informação' e os 'pobres de informação'" (Barbrook e Cameron, 2018, p. 31).

2 INVISÍVEIS SOCIAIS À MARGEM DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Partimos da premissa de que, em uma sociedade majoritariamente técnica/tecnológica, o que não é pautado pela tecnologia não existe e/ou não é visto/visível. Ousamos formular que a invisibilidade social — bem como seres humanos que são considerados "invisíveis" — estão atrelados a coletividades humanas que são definidas por carências. Ou seja, são caracterizadas e vistas por não participarem de uma economia de mercado, sem moradia digna, à margem da sociedade, carentes de técnica e "fora do mapa tecnológico".

Esse é o caso, por exemplo, dos agrupamentos humanos que vivem na extrema pobreza, como a população em situação de rua — coletividade humana sobre a qual abordamos neste artigo. Formulamos, neste estudo, que as pessoas em condições de vulnerabilidade social, que supostamente poderiam ser amparadas

pelos/as governantes, são negligenciadas por eles e reféns de uma lógica competitiva de livre mercado, uma vez que a extrema pobreza é um problema atrelado ao capitalismo neoliberal.⁶

Fazemos também uma analogia à questão da política e do poder, já que são algumas das temáticas relacionadas ao fenômeno da extrema pobreza. Para Aguiar e Iriart (2012), tais eixos são sistemas complexos e estruturais, e é possível observarmos um nível de negligência do Estado para com os serviços de saúde que, por conseguinte, impede a ajuda a sujeitos fragilizados em condições vulneráveis. Nesse sentido, tomando como base as estatísticas e os altos índices de população em situação de rua no Brasil, somado à questão da falta de políticas públicas eficientes e eficazes, alguns movimentos surgiram no país a partir de 2008, como, por exemplo, os Encontros Nacionais da População em Situação de Rua, que, posteriormente, culminaram na criação da Política Nacional para a População de Rua, em 2009, ainda segundo Aguiar e Iriart (2012).

Outra questão plausível de pontuarmos é o processo de invisibilização dos moradores em situação de rua, que Nonato e Raiol (2016) argumentam que traz reflexões sobre o modo com que isso contraria os direitos humanos e o direito à cidade, além das violências contra esses indivíduos. Em outras palavras, essa coletividade humana está submetida ao intenso estigma social, sendo, sob um juízo de valor, vistos como "marginais" e pertencentes a um agrupamento fragilizado diante de grupos sociais dominantes, ao mesmo tempo em que são alvos de termos pejorativos, como "mendigos" e "perigosos" (Nonato e Raiol, 2016).

Esse pensamento relacionado aos eixos de política e poder também pode ser vinculado a uma parcela do pensamento de Foucault (1996), à medida que os sujeitos

⁶ Como o capitalismo neoliberal é pautado pela propriedade privada e pelo livre mercado, argumentamos neste artigo que a população em situação de rua, por não ter moradia e não participar ativamente de uma economia de mercado, é vista como à margem da sociedade.

que dominam o discurso dominam também todos os mecanismos de poder. Há, pois, uma evidente separação entre discursos que são de direitos privilegiados, lógicos e organizados, e outros considerados ilógicos. No caso da população em situação de rua, são considerados pejorativamente como "primitivos" e, até mesmo, "loucos"⁷, concomitante com o fato de serem pautados pela falta de recursos tecnológicos.

Para Foucault (1996), existem indivíduos com direitos privilegiados para falar, como, a exemplificar, "a oposição entre razão e loucura" (p. 10). Segundo contextos sócio-históricos anteriores, o louco era negligenciado e, uma vez colocado no campo da ausência de lógica e de sentido, não detinha o direito de falar e de produzir discurso. "É curioso constatar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade" (p. 11). Refletimos que a população em situação de rua, muitas vezes, não detém o direito de fala, já que os seus discursos são vistos — pela sociedade neoliberal — como ilógicos, incoerentes e irrelevantes.

Observamos que uma das maneiras de potencialização das vozes dessa coletividade humana minoritária e fragilizada são as redes sociais de ONGs. Como a população em situação de rua é silenciada — e considerada "invisível" sob uma perspectiva neoliberal —, uma das soluções tecnológicas — do ponto de vista dos indivíduos com acesso à Internet — é refletir e fomentar debates sobre os agrupamentos humanos que estão à margem de uma supremacia tecnológica, com a finalidade de, em algum nível, inserir a pauta sobre os excluídos na política digital.

3 REDES SOCIAIS DE ONGS: MEIOS DE SOCIABILIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL

⁷ Fazemos referência à clivagem que a modernidade traz entre os sujeitos da razão e a desrazão, ou seja, o louco é um sujeito que não merece ser ouvido.

As redes sociais são espaços que possibilitam uma dinâmica travada por negociações de sentido e estabelecem interações entre participantes. Braga (2008) formula que "os ambientes de Internet passaram a ser largamente utilizados por usuárias/os não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*" (p. 64). Para ela, os blogs colocam no campo discursivo midiático um número considerável de novos/as sujeitos/as enunciadore/as na dinâmica on-line. E a autora, apesar de ter foco, mais especificamente, em outro tipo de site, serve de embasamento teórico para este artigo, uma vez que as redes sociais de ONGs também pertencem a essa configuração do ambiente digital.

No que se refere à interação social e à sociabilidade, Simmel (*apud* Braga, 2008) esforça-se para abstrair as formas interacionais, independentemente do conteúdo, sendo o conflito uma forma de interação, e também observa os efeitos dos arranjos interacionais de modo pragmático, definindo a sociabilidade como uma forma lúdica e estética da interação. Nesse sentido, o autor está sendo usado nesta pesquisa pelo motivo de conseguir comportar a interação que ocorre nesse ambiente midiático.

Ao tratar da sociabilidade, Simmel (*apud* Braga, 2008) considera a diferença entre forma e conteúdo, alegando que "o conteúdo da sociedade seria estar com um outro motivado pelos propósitos individuais ou materiais, o qual conformaria formas estéticas específicas que, desenvolvidas, ganhariam vida própria" (p. 69). Isso quer dizer que, para ele, a sociabilidade é autônoma e independente, além de estética, fazendo os indivíduos, ao se associarem a outros/as, estabelecerem relações de pertencimento e satisfação.

Os indivíduos se agregam em associações a partir de interesses e necessidades que definem conteúdos específicos. Mas para além desses conteúdos, o fato de se sentirem associados provoca satisfação em seus membros, a formação daquela sociedade como tal é em si um valor. O puro

processo de sociação, a forma desse processo é, assim, um valor estético socialmente apreciado (Simmel *apud* Braga, 2008, p. 69).

Em contrapartida, Braga (2008) sustenta o argumento de que sociabilidade não é sinônimo de interação social, sendo ela uma interação sem objetivos, como o que ocorre em celebrações específicas da vida cotidiana. Quando politizam a sociabilidade, ela chega ao seu fim, uma vez que é um tipo específico de interação, podendo causar embaralhamentos conceituais, à medida que a sociabilidade perde o seu corte analítico. Já na perspectiva de Goffman (*apud* Braga, 2008), análoga ao pensamento de Simmel, há um "consenso operacional" na interação social, isto é, os indivíduos, de modo voluntário, engajam-se, concordando superficialmente com as dinâmicas das interações.

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apoiam valores aos quais todos os presentes se sente obrigados a prestar falsa homenagem. (...) Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um "consenso operacional" (Goffman *apud* Braga, 2008, p. 70).

Partindo das conceituações de interação social e sociabilidade apresentadas, é possível observarmos e analisarmos as dinâmicas interacionais em ambientes digitais — objetivo deste artigo —, como nas caixas de texto das redes sociais. Nesta pesquisa, escolhemos o Instagram da ONG @spinvisivel e, após uma observação nas interações digitais sobre a população em situação de rua no espaço de comentários do perfil, chegamos à conclusão de que não mostram somente uma sociabilidade, ou seja, uma interação livre de atritos com a realidade, como abordou Simmel, mas também apresentam interações conflituosas, discordâncias e indagações.

O "consenso operacional" descrito por Goffman é contundente, à medida que os participantes da dinâmica interacional, na maioria das vezes, concordam com as possibilidades que a rede social oferece para emitir múltiplas opiniões. Posto isso, olhamos para o *post* como uma provocação que gera uma interpretação e debate dentro dos comentários. E pensamos nos sentidos que foram produzidos e negociados pelos/as comentaristas, na dinâmica do espaço de comentários, partindo da premissa de que as pessoas concordam, discordam, respondem e negociam sentidos, a partir da própria publicação.

4 TRANSFORMANDO O INVISÍVEL EM VISÍVEL: O PERFIL DO @SPINVISIVEL⁸ NO INSTAGRAM

Nas redes sociais das ONGs, especialmente nas caixas de texto onde é possível discordar e concordar com o enunciado e/ou como as/os demais participantes, a interação é possibilitada. Mais precisamente, o perfil do @spinvisivel no Instagram⁹ é uma rede que serve como ferramenta e fornece a possibilidade de as/os comentadores/as expressarem as suas opiniões, independentemente de quais sejam elas, numa tentativa de repensar conceitos atrelados à extrema pobreza.

⁸ O SP Invisível é uma Organização Não-Governamental que surgiu em 2014 com a proposta de publicar histórias de vidas da população em situação de rua e narrativas das cidades nas redes sociais para potencializar as vozes humanas e repensar o modelo de metrópole, com ações assistencialistas pontuais que surgiram ao longo do tempo, como Natal Invisível, Páscoa Invisível e SP Sem Frio. A ONG, além de ter um site próprio (disponível em <www.spinvisivel.org>), também tem conta no Facebook e no Instagram (@spinvisivel).

⁹ No Instagram, até o dia 04 de junho de 2024, o SP Invisível acumulou 386 mil seguidores, seguiu somente 71 pessoas e tinha 3.611 publicações, incluindo fotos e vídeos. Durante o período pandêmico da Covid-19, foram desenvolvidas campanhas de educação, com o levantamento da hashtag #fiqueemcasa. No entanto, o SP Invisível, em resposta às medidas de proteção e em defesa da população em situação de rua, levantou a reflexão "e quem não tem casa?", e essa foi a frase de impacto que norteou as campanhas da ONG ao longo da pandemia.

Sob a perspectiva de Braga (2008), observamos que há uma distinção entre sociabilidade e interação, sendo a primeira uma interação sem objetivos; já a segunda, é uma forma politizada da sociabilidade. Sendo assim, os comentários nas caixas de texto do perfil do SP Invisível vão ao encontro do que, particularmente, acreditamos ser uma interação, uma vez que a ONG tem um viés político e uma ideologia a favor da população em situação de rua. Além de as publicações defenderem a visão desse agrupamento humano, as interações digitais sobre as postagens também acompanham tal viés e politizam a sociabilidade, fazendo-a chegar ao seu fim.

Contudo, ao analisar o perfil do Instagram em questão, é possível dizer que há uma tentativa dos co-fundadores e administradores da página de tornar o não-visível, ou seja, a população em situação de rua, que é considerada pejorativamente como "animal", em visível, ou seja, em seres humanos, e vistos de maneira digna como outros humanos. Mais especificamente, o @spinvisivel é um lugar de conversa, exposição e externalização de opiniões diversas sobre pessoas em extrema vulnerabilidade social, ao ressignificar as relações humanas, buscando configurar os espaços das caixas de comentários em locais de inclusão e estabelecimento de relações de pertencimento.

Por se tratar de uma ONG que se declara contra estigmas e preconceitos, observamos que adota um viés político, econômico, tecnológico, social e cultural. Isso significa que, se toda tecnologia traz consigo um viés ideológico, as redes sociais de organizações não-governamentais e/ou sem fins lucrativos defendem estratos sociais que ainda não alcançaram a plenitude dos seus direitos. No caso do @spinvisivel, utilizam o perfil para empoderar a causa dos/as invisíveis sociais e gerar reflexões sobre o modelo de metrópole que os paulistas planejam ter.

Fazendo referência aos estudos de McLuhan (1974), partimos da premissa de que a ONG amplia uma ideologia, permitindo um prolongamento de uma visão de mundo específica a favor da população em situação de rua. Embora o pensamento

mcluhaniano vá ao encontro de uma extensão dos sentidos, ousamos explorar nas nossas teorizações a extensão de um viés e de uma percepção da vida cotidiana.

E tais redes sociais possibilitam a sociabilidade e a interação, à medida em que os encontros virtuais, no mundo contemporâneo, são comentados e documentados na Internet pelos participantes das dinâmicas digitais (Braga, 2011). Ao fazer uma analogia aos espaços destinados aos comentários no @spinvisivel, observamos que as interações são marcadas por um compartilhamento de interesses em comum, uma vez que os/as comentadores/as são majoritariamente a favor da causa da população em situação de rua e de pautas referentes às coletividades humanas minoritárias. Cria-se, dessa maneira, relações de "comunidade", que são, na maioria das vezes, recíprocas entre quem participa e opina sobre o enunciado.

Posto isso, buscamos entender o que internautas compreendem sobre os/as "invisíveis" que estão fora da Internet e como reagem diante das postagens, em publicações veiculadas durante a pandemia. Para tanto, tentaremos responder no próximo tópico as seguintes perguntas: Como os/as comentadores/as negociam os sentidos na definição de realidade neoliberal que pretendem e desejam mudar? Como entendem a situação de rua a partir das postagens da ONG?

5 CASOS CONCRETOS DO @SPINVISIVEL

Para escolher as postagens que utilizamos neste artigo, investigamos todas as publicações do @spinvisivel durante a pandemia. Percebemos que, como a ONG ficou impossibilitada de publicar muitas histórias de vida, foram compartilhadas notícias sobre a população em situação de rua e dados relacionados à pandemia que eram divulgados pelos veículos jornalísticos — bem como as medidas de proteção durante as ações assistencialistas que organizavam. E também divulgaram relatos e ações de outras páginas que também estavam vinculadas às pessoas em condições de vulnerabilidade social para manterem a página ativa.

Posto isso, escolhemos dois casos concretos, sendo um conjunto de três publicações de 2020¹⁰, totalizando 1.400 comentários nas caixas de texto, que passaram por um processo específico de coleta de dados, identificando a data de início do trabalho e o número de comentários, e também reunimos as publicações previamente selecionadas, acompanhadas dos comentários organizados cronologicamente. Sendo assim, preservamos todos os dados possíveis, como data da publicação e de cada comentário, bem como o nome dos comentadores. Desse modo, identificamos categorias analíticas entre as interações digitais — que podem ser encontradas no próximo tópico deste artigo.

No que se refere ao primeiro caso, o *post* foi publicado em 30 de julho de 2020 e teve 11.383 curtidas e 897 comentários. A publicação é uma notícia de um veículo jornalístico não identificado e tem o seguinte título: "Morador de rua *pede comida e recebe arroz com ração de cachorro*" (@spinvisivel, 2020, grifos nossos). E o seguinte subtítulo: "A história de seu José Barrera aconteceu em Chetumal, Quintana Roo, no México". Embora só tenham compartilhado sem citar a fonte, ao fazer uma busca observamos que o conteúdo viralizou e foi postado em diversos sites, como Revista Marie Claire, G1 e Portal Raízes, porém não encontramos a origem exata da informação em questão. Abaixo, a legenda:

Quando a gente fala sobre a necessidade de *humanizar o olhar* das pessoas é para não ouvirmos mais histórias como essa. Muita gente ainda *não enxerga* as pessoas em situação de rua como um *semelhante*, alguém que possui história, nome, vontades e sonhos. *Quem* se alimentaria com *ração de cachorro* em casa? Então como podemos oferecer o que não comeríamos, vestiríamos ou usamos? (Legenda de @spinvisivel, 2020, grifos nossos).

Já sobre o segundo caso, o vídeo foi publicado em 03 de julho de 2020 e teve 32.865 visualizações e 439 comentários. A publicação é um *repost* de um conteúdo

¹⁰ É importante ressaltar também que tais casos concretos são amostras de um todo. Na impossibilidade de observar todos os *posts* do perfil do SP Invisível, apresentamos dois casos concretos que ilustram o fenômeno.

postado no próprio perfil de Bia Dória, esposa de João Doria¹¹, na qual ela conversa com a empresária Val Marchiori¹². O @spinvisível, ao republicar, menciona palavras-chave e frases como "pensamento individualista e meritocrático", "falha estrutural" e "falha humanitária" que, embora não mencionem diretamente o neoliberalismo, explicitam uma mentalidade de crítica aos neoliberais membros de uma elite brasileira que, imersos em pensamentos meritocráticos e competitivos, não se preocupam com os/as demais. Abaixo, a fala de Bia, bem como a legenda do perfil:

Não é correto você chegar lá na rua e dar marmitta, porque a pessoa tem que se conscientizar que ela tem que sair da rua, porque a rua hoje é um atrativo, a pessoa *gosta* de ficar na rua. A pessoa quer comida, roupa, ajuda, e não quer ter responsabilidade. Isso está *muito errado*, porque, se queremos viver em um país [...] *todos* temos que ter *responsabilidades* [...] (Bia Doria em @spinvisível, 2020, grifos nossos).

Esse texto poderia ser sobre a Bia Dória e a Val Marchiori, especificamente, mas queremos falar sobre o que ele sinaliza. Sobre um *pensamento individualista e meritocrático* que *domina* a cabeça de bastante gente, hoje em dia [...]. Quando vemos alguém em situação de rua, estamos diante do resultado de uma *falha estrutural* de políticas públicas que não conseguiu garantir dignidade a famílias e casas, não conseguiu dar saúde mental, emprego, educação para as pessoas. Porém, mais do que isso: estamos diante de uma *falha humanitária* [...]. Dar ou não comida é consequência de uma *mentalidade* e de um coração que entende que é seu dever cuidar do seu próximo, seja ele a pessoa de dentro da sua casa, seja ele sem casa. [...]. Porém isso é um processo, e durante esse processo de dar casa para as pessoas, elas precisam sim ter vida digna nas ruas, com alimentação, proteção, documentação, lazer e tudo que eles tem direitos, pois são seres humanos (Legenda de @spinvisível, 2020, grifos nossos).

Ainda no que se relaciona ao segundo caso, identificamos outra publicação — que foi uma resposta à fala de Bia Dória. O vídeo foi publicado em 08 de julho de 2020 e teve 18.132 visualizações e 65 comentários, com a seguinte legenda: "*Manifestação* da população em situação de rua que começou ontem em frente à prefeitura, pedindo

¹¹ João Doria é ex-político. Em 2020, durante a pandemia da Covid-19, era Governador de São Paulo.

¹² Val Marchiori é uma *socialite*, empresária, apresentadora e ex-modelo brasileira.

o *acolhimento* no setor hoteleiro, durante a pandemia e o inverno, com *repúdio* também à *fala* de Bia Dória [...] (grifos nossos). Nele, um morador em situação de rua desabafa:

Ela falou que a população quer ficar na rua porque tem comida, porque tem as coisas. A população está na rua, *Seu Governador* e *Senhora Primeira Dama*, porque *não tem política*. Política de habitação, política de saúde, política de educação. Se vocês garantissem a frente de trabalho para tirar a população da rua, ela não seria mal interpretada. Ela está sendo *preconceituosa* dizendo que as pessoas não querem sair da rua porque têm comida. As pessoas *morrem* de fome, principalmente agora na *pandemia* (Morador em situação de rua em @spinvisivel, 2020, grifos nossos).

6 INTERAÇÕES DIGITAIS E CATEGORIAS ANALÍTICAS

Depois de apresentar os casos concretos, pensamos em como interpretar os dados, então observamos todos os comentários e selecionamos padrões que se repetem, buscando as recorrências encontradas nas caixas de texto. Assim, encontramos quatro padrões entre as/os participantes na dinâmica interacional. Tais recorrências, que culminam em categorias analíticas¹³, são: a) "A humanidade falhou": julgar e punir; b) "Botocadas e fúteis": o pequeno mundo dos privilégios; c) "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social. Sendo que a primeira foi a mais recorrente durante a observação e a última a menos recorrente. Abaixo, é possível observar cada uma delas.

a) "A humanidade falhou": julgar e punir

¹³ Encontramos quatro categorias analíticas recorrentes nos comentários, mas, por delimitação de espaço neste artigo, abordaremos somente três, que conversam entre si. Logo, deixaremos as demais para um próximo estudo.

Nesta categoria analítica, os/as comentadores/as consideram-se justiceiros/as, ao julgar e punir. Nesse sentido, criticam atos de negligência de outros indivíduos para com a população em situação de rua e os consideram injustos, sem ao menos questionar a veracidade da publicação. Há uma contradição de as pessoas se "apiedarem" do morador em situação de rua, mas indicarem que o praticante do ato tivesse uma pena muito maior do que aquela que ele organizou. Em outras palavras, julgam, condenam e punem com discursos que apontam para atitudes ainda mais violentas. Também estão contidos comentários que passam a duvidar da humanidade e a lamentar pelo seu destino e pelo rumo do mundo contemporâneo. Neles, são usadas palavras de baixo calão, pedidos de punição/sanção, expressões de raiva, nojo e horror, especialmente uma desumanização das próprias pessoas, como veremos nos exemplos abaixo.

1. @juhhcyrino Se eu encontro o *animal* que fez isso com o sr eu faço comer um pacote de 20kg de ração
30/07/2020 | grifos nossos
2. @_suhavesss Mano, tem ser humano que tinha que *queimar* no fogo do inferno. Desprezível essa atitude tão medíocre... [emoji chorando] meu coração tá doendo! 30/07/2020 | grifos nossos
3. @sarasgamatoo Eu *sei* que é *errado*. Eu sei. Mas já descobriu *quem*, p dar uma *bela* de uma *surra*?
30/07/2020 | grifos nossos
4. @fabianabrites Tem que *punir severamente*!
30/07/2020 | grifos nossos
5. @euro_joias Gente do céu se eu *pego* a pessoa que fez isso acho que *mato*
...
31/07/2020 | grifos nossos

Observamos que há uma vontade latente por parte dos/as comentadores/as de dominar o discurso e todos os mecanismos de poder. Para Foucault (1996), na sociedade há uma evidente separação entre discursos que são de direitos privilegiados, ou seja, lógicos e organizados, e outros considerados ilógicos e carentes de sentido, e os/as participantes da dinâmica interacional acima gostariam, supostamente, de estar no controle desse sistema. Isto é, de definir e de classificar tais discursos na esfera da política e do poder, uma vez que a população em situação de rua tem bem menos acesso a esses privilégios.

Há indivíduos que, por meio de comentários agressivos, como o de @fabianabrites, exigem justiça e punições severas às pessoas que comumente abordam a população em situação de rua de maneira pejorativa e se referem a ela como "vagabundos", "animais" e destituídos de discurso. Em nome de uma causa nobre, os comentários dos/as participantes acima expressam crueldade e violência. Isso quer dizer que há um desejo em ter um direito privilegiado atrelado ao poder para, além de se tornar autoridade e punir de alguma maneira, também ter a oportunidade de potencializar as vozes que são silenciadas.

Uma vez que a população em situação de rua é colocada no campo da ausência de lógica e de sentido, não detêm o direito de falar e de produzir discurso. São vistos como um desvio da normalidade social e é supostamente atribuída a eles uma identidade subversiva. Nesse sentido, o tratamento que recebem fere o direito à cidade, sendo pertencentes a um grupo social fragilizado diante de grupos sociais dominantes. E também são destituídos do direito de interagir e de socializar, devido a estarem à margem das tecnologias e de um sistema capitalista, neoliberal e excludente.

b) "Botocadas e fúteis": o pequeno mundo dos privilégios

Submissão: 21/12/2024

Aceite: 05/06/2025

Editor responsável pela avaliação: Ciro Inácio Marcondes

Editora de Leitura: Beatriz Amália Albarello

Copyright © 2026 Caroline dos Santos. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição, que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.

Nesta segunda categoria, estão contidos os comentários que remetem aos privilégios de classe, distinção e ironia. Ou seja, Bia Doria e Val Marchiori do segundo caso são alvos de adjetivos como "botocadas"¹⁴ e "fúteis", por se tratarem de pessoas de classes privilegiadas da sociedade que fazem procedimentos estéticos e demonstram um ponto de vista preconceituoso e alienado com relação à população em situação de rua. Observamos que o ataque à aparência é uma maneira de julgar diante de um momento de raiva, quando se procura defeitos nos outros como estratégia de depreciação. Concomitantemente, usam a ironia por meio de palavras com o sentido oposto para dar ênfase ao discurso.

1. *@fer_l_sergio* Infelizmente, os *ricos* os *poderosos* acham que o pobre é pobre porque ele quer, o *miserável* é porque ele quer, portanto infeliz de quem pensa assim e age da forma que está medíocre senhora ou cidadã mencionou na fala dela e depois querendo se redimir das idiotices que fez pedindo desculpas, eu acho que pessoas desse *porte* deveria e de estar em outro lugar do mundo menos na *política* dependendo e vivendo no meio da sociedade. Foi muito infeliz está cidadã.
03/07/2020 | grifos nossos
2. *@prescreve* Vocês duas nunca saberão o que eh viver *sem escolhas* pois vcs duas são *ricas* e *soberbas*... Tem gente q eh tão pobre mas tão pobre q a única coisa q tem eh o dinheiro nunca terá empatia e amor empatia pelo semelhante
04/07/2020 | grifos nossos
3. *@jacneri* Vergonha total! As mulheres todas *falsas* pela *cirurgia* e sobretudo *feias* por dentro, vivendo no *pequeno mundo de privilégios*

¹⁴ Para se referir a quem fez botox, um procedimento estético.

04/07/2020 | grifos nossos

4. @anavsalerno É verdade isso. Eu mesma *adoro* ficar nas ruas, suja, tratada como um *animal*, passando fome e frio, sendo *abusada*, dividindo meu *papelão* com os *ratos*, pegando sol e chuva, vento e sereno. É *diversão* pura. Só *não* vê quem não quer!!

04/07/2020 | grifos nossos

É evidente a indignação dos/as participantes com relação à fala de Bia Doria e observamos também que a economia monetária, além de se instituir como padrão no uso do instrumento dinheiro e estabelecer uma separação entre as pessoas e as "coisas", como formulado por Simmel (1973), também gera uma separação entre os próprios indivíduos. Partimos da premissa de que, por meio da prática neoliberal — que incentiva os sujeitos a competirem entre si para crescerem economicamente —, fazem o capitalismo se transformar em um "turbocapitalismo" ou "hiper-industrialismo" — termo de Stiegler (2014, tradução nossa) —, e ousamos argumentar que o dinheiro não somente estabelece uma nova forma de interação social, como faz com que esse novo modelo separe as pessoas por classe social.

Essa segregação, do nosso ponto de vista, modifica também as interações sociais, à medida que a economia monetária passa a ser encarada como competição de livre mercado, especialmente entre as classes mais altas da sociedade e pelo *homo agens* — termo de Dardot e Laval (2017) para se referir ao indivíduo neoliberal, individualista e empresário. Por consequência, formulamos que as classes mais baixas e subalternas são configuradas como "perdedoras" e à margem de um sistema capitalista que impacta as formas típicas de sociabilidade e socialização modernas, ocupando um lugar de sujeitos que "reclamam" e clamam por respeito, diametralmente opostos aos que ascenderam socialmente, que são considerados/as por eles como "soberbos/as", "pobres de espírito" e "carentes de empatia".

Submissão: 21/12/2024

Aceite: 05/06/2025

Editor responsável pela avaliação: Ciro Inácio Marcondes

Editora de Leitura: Beatriz Amália Albarello

Copyright © 2026 Caroline dos Santos. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição, que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.

Já sob a perspectiva de Stiegler (2014), o autor pontua que a sociedade hiperindustrial, moldada para funcionar com as constantes inovações, culmina em indivíduos sem valores fixos, uma vez que as mudanças são pautadas pela rapidez, gerando uma "estupidez sistêmica". Portanto, partimos do pressuposto de que, se nessa sociedade os indivíduos são ultra-individualizados em uma lógica de inovação permanente, Bia Doria e Val Marchiori são vistas como "fúteis" em excesso e pautadas pelos procedimentos estéticos. Embora Stiegler (2014) não proponha teoricamente que todos os indivíduos sejam "estúpidos", ainda que eles possam se tornar, sob a perspectiva dos/as comentadores/as Bia e Val seriam, supostamente, vistas dessa maneira, ao se preocuparem somente com o "pequeno mundo dos privilégios" de classe e negligenciarem o "Outro".

c) "Somos luzes que faíscam no caos": distinção e crítica social

Nesta última categoria, chamamos atenção para o viés político e para os relatos pessoais. No que se refere ao viés político, em razão de Bia Doria¹⁵ ser a personagem principal no segundo caso concreto, os ataques são atrelados à esfera política e emergem comentários que podem ser classificados como críticas sociais. Em termos mais específicos, observamos nas interações que os/as comentadores/as utilizam as caixas de texto como ferramenta para cobrar o Estado e relembrar os/as governantes sobre as suas obrigações. Para tanto, alguns perfis apresentam relatos pessoais a fim de reforçar que, por meio das suas experiências empíricas, denunciam a realidade sem ficção.

¹⁵ Bia Doria é esposa de João Doria. Ele é ex-político e, em 2020, durante a pandemia da Covid-19, foi governador de São Paulo.

1. @alexandra.basilio.terapeuta Concordo com vc e como o texto fala da *falência estrutural do Estado*. Ninguém mora na rua porque quer...
04/07/2020 | grifo da autora
2. @byscavalcante falou as *patroas ricas* e entendedoras da situação! hahahahah que nojo! primeiramente que nem abrigo suficiente para os moradores de rua tem, a maioria *não* tem *opção*, *não* tem *apoio*, e sobrevivem da "*marmita*" que as pessoas dão.
04/07/2020 | grifos nossos
3. @dere_souza E se o cidadão decide ir pra rua por não se enquadrar nessa *merda de modelo* que vivemos? Abrigo? *Internação compulsória*? É isso que o *Estado* e a Sociedade tem para oferecer?
04/07/2020 | grifos nossos
4. @maisasanttanna Trabalho perto de uma praça que tem alguns moradores de rua, um é *ex-presidiário*, não conseguiu chance de trabalho, por ter antecedentes e por isso mora em uma barraca, sempre o vejo vendendo cerveja pra conseguir uma graninha. O outro é mudo, aparentemente tem *problemas mentais* sempre que dava levava comida, suco e um docinho para alegrá-lo. Gente são pessoas, *seres humanos*, ver todo dia aquelas pessoas acordarem ao relento não é bonito, ninguém, absolutamente ninguém quer estar na rua. Como esses moradores que eu citei muitos devem ter situações parecidas, muitos também tem problemas psiquiátricos e ficam jogados na rua *sem* um *auxílio* da *prefeitura*. Aí vem a *bonitinha* falar de responsabilidade! E *cadê* a *responsabilidade* do *governo* com essas pessoas também? Fala de abrigos, mas não tem pra todos. Olha é difícil viu. Já não basta a situação atual estar ruim ainda temos que ver essa criatura que vive numa *bolha luxuosa* falar que morador de rua tá ali pq a rua é atrativa [emojis de olhos virados]
03/07/2020 | 1 curtida | grifos nossos

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (Governo Federal, 2009) define pessoas em condições de rua como uma coletividade humana heterogênea que faz uso do espaço público como moradia — diferentemente de outros agrupamentos que o utilizam somente como um lugar de passagem. Nesse sentido, fazemos uma analogia ao comentário de @alexandra.basilio.terapeuta, que critica um desconhecimento por parte de Bia sobre a heterogeneidade desse grupo social. Quando a comentadora escreve que "ninguém mora na rua porque quer", ela está indo contra o argumento de que essas pessoas estão em extrema vulnerabilidade social pelos mesmos motivos. Logo, acreditamos que ela defende o ponto de vista de que cada indivíduo que dorme nas ruas tem uma história singular a contar.

E como a política e o poder são algumas das temáticas relacionadas à população em situação de rua e ao fenômeno da extrema pobreza, os comentários desta categoria fazem uma crítica não somente aos discursos pejorativos de Bia Doria, mas ao comportamento de João Doria — governador de São Paulo naquele ano. Tais eixos, por serem estruturais, levantam questionamentos de participantes sobre a negligência do Estado no que se refere à falta de fornecimento de abrigos com mais espaço e vagas aos solicitantes. Ou melhor, à questão da carência de políticas públicas eficientes e eficazes, como podemos notar nos comentários de @byscavalcante e @dere_souza.

Por meio dos relatos pessoais, como no comentário de @maisasanttanna, identificamos o esforço dos/as participantes para contar as próprias experiências em prol de expandir as diferentes visões sobre a população em situação de rua, já que, como não há homogeneidade neste caso, cada pessoa é singular e tem ideais diferentes, estando nessas condições por motivos distintos (Aguiar e Iriart, 2012). Somado a isso, também inferimos que é uma tentativa de mostrar aos demais a realidade das ruas pelos olhos de indivíduos em extrema vulnerabilidade social, ao

apresentar que esse "Outro" — banalizado como "diferente", "exótico" e "invisível" — tem a sua própria maneira de viver e ser, bem como o seu próprio ideal de progresso. E que ele é um indivíduo que faz sentido, assim como outras coletividades humanas subalternizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do perfil de Instagram do @spinvisivel, agrupamentos humanos ganham visibilidade, já que o mundo contemporâneo é demasiadamente tecnológico e algumas coletividades humanas não têm acesso à tecnologia, sendo excluídas da política digital. Então, o quê/quem está à margem das tecnologias digitais, é invisibilizado. E a difusão de informações sobre a extrema pobreza nos ambientes online, ao mesmo tempo em que pode ser uma tentativa de conscientização, pode aumentar a segregação e a amplificação da desigualdade, devido à falta de acesso dessas pessoas aos aparatos tecnológicos para lutar pela plenitude dos próprios direitos. Logo, se a tecnologia cria grupos de "vencedores" e "perdedores", isso pode fazer a população em situação de rua ser vista como "perdedora", e tais ONGs e participantes que comentam nas suas publicações dizem o oposto, ou seja, que são vencedores/as no seu próprio estilo de vida.

Com base nas recorrências previamente analisadas e nos comentários destacados no último tópico, vimos que, como resultado, há uma desesperança por parte de comentadores/as da dinâmica interacional com relação à humanidade e à organização social e política. Dessa maneira, concluímos que essa ausência de esperança é dada, também, em razão de uma frustração com relação a um presente pautado pelo neoliberalismo e pela competição. Mais precisamente, as recorrências encontradas nos comentários, foram: a) "A humanidade falhou": julgar e punir; b) "Botocadas e fúteis: o pequeno mundo dos privilégios; c) "Somos luzes que faíscam

no caos": distinção e crítica social. Apesar de serem diferentes entre si, juntas fazem sentido nas dinâmicas dos comentários, uma vez que se complementam no que diz respeito a um desânimo atrelado a uma descrença de um futuro com tamanha desigualdade social.

Neste artigo, identificamos uma dinâmica interacional nos ambientes digitais que é interessante de ser explorada em pesquisas futuras, bem como diferentes pontos de vista sobre a extrema pobreza que podem ser encontrados nas caixas de texto e até mesmo outras categorias analíticas que venham a surgir. Em razão de incitar diversas outras observações, dá abertura para diferentes reflexões sobre o mundo contemporâneo, os fenômenos que são complexos da vida nas grandes cidades, a extrema pobreza, a invisibilidade social, a população em situação de rua e as interações digitais em redes sociais de organizações não-governamentais e/ou sem fins lucrativos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Maria Magalhães; IRIART, Jorge Alberto Bernstein. **Significados e práticas de saúde e doença entre a população em situação de rua em Salvador, Bahia, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, v. 28, p. 115-124, 2012.

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. **A Ideologia Californiana: Uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício**. Paraná e Porto Alegre: Editora Monstro dos mares e Baixa Cultura, 2018.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BRAGA, Adriana. **Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais**. Desigualdade & Diversidade—Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, v. 9, p. 95-104, 2011.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOVERNO FEDERAL. **Decreto Nº 7.053 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009**. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm> Brasília, 2009. Acesso em 13 de maio de 2024.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

NONATO, Domingos; RAIOL, Raimundo Wilson Gama. **Invisíveis Sociais: a negação do direito à cidade à população em situação de rua**. Revista de Direito Urbanístico, Cidade e Alteridade, v. 2, n. 2, p. 81-101, 2016.

RIPPEL, Nathália; BELO, Caroline. **"Do Canindé ao Complexo do Alemão: uma análise do sentido de ser 'favelado' na literatura marginal das periferias da região Sudeste do Brasil"**, Revista Amerika, número 28, 2024. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/amerika/19400>>. Acesso em 29 de julho de 2024.

SCHRADIE, Jen. **Ideologia do Vale do Silício e desigualdades de classe: um imposto virtual em relação à política digital**. Parágrafo, v. 5, n. 1, p. 85-99, 2017.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SP INVISÍVEL (@spinvisivel). **Instagram do SP Invisível**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/spinvisivel/>> . Acesso em 10 de junho de 2024.

STIEGLER, Bernard. **Symbolic misery**. Volume 1: The hyperindustrial epoch. United Kingdom: Polity, 2014.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. **Introdução à Ecologia das Mídias**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Edições Loyola, 2019.

Digital interactions about homeless people in São Paulo on the NGOs Instagram @spinvisivel

ABSTRACT

In this case study, we observed the profile of the NGO SP Invisível (@spinvisivel) on Instagram, focusing on digital interactions in posts about the homeless population at the beginning of the pandemic period, in 2020. We propose to describe and interpret the characteristics of the interaction online among ordinary internet users in publications about people living in extreme social vulnerability, seeking to understand how participants understand these individuals and how they negotiate meanings in the definition of reality they intend to change, based on the neoliberal perspective born in Silicon Valley and theories of social interaction. As a result, the following analytical categories were stipulated: a) "Humanity has failed": judge and punish; b) "Women with botox and fútiles": the small world of privileges; c) "We are lights that spark in chaos": distinction and social criticism.

KEYWORDS

Homeless people. Digital interactions. Case study. Neoliberalism. Social interaction.

Interacciones digitales sobre personas sin hogar en São Paulo en el Instagram de la ONG @spinvisivel

RESUMEN

En este estudio de caso, observamos el perfil de la ONG SP Invisível (@spinvisivel) en Instagram, centrándonos en las interacciones digitales en publicaciones sobre la población sin hogar al inicio del período pandémico, en 2020. Proponemos describir e interpretar las características de la interacción en línea entre usuarios comunes de Internet en publicaciones sobre personas que viven en extrema vulnerabilidad social, buscando comprender cómo los participantes entienden a estos individuos y cómo negocian significados en la definición de la realidad que pretenden cambiar, a partir de la perspectiva neoliberal nacida en Silicon Valley. y teorías de la interacción social. Como resultado, se estipularon las siguientes categorías analíticas: a) "La humanidad ha fallado": juzgar y castigar; b) "Mujeres con botox y fútiles": el pequeño mundo de los privilegios; c) "Somos luces que encienden en el caos": distinción y crítica social.

PALABRAS CLAVE

Personas sin hogar. Interacciones digitales. Estudio de caso. Neoliberalismo. Interacción social.

Contribuição dos Autores

Formas de contribuição (CRediT - Contributor Roles Taxonomy): Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Curadoria de Dados, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição, Investigação, Metodologia, Obtenção de Financiamento, Recursos, Software, Supervisão, Validação e Visualização.

Autor(a)	Contribuição (CRediT)
Autor 1 Caroline Belo Cunha dos Santos	Única autora. Contribuição completa.
Autor 2	
Autor 3	
Autor 4	

Observação Autores: Este artigo condensa uma parte dos resultados encontrados no Trabalho de Conclusão de Curso da autora, entregue para a PUC-Rio em 2024/1.

Recebido em: 21/12/2024

Aceite em: 05/06/2025

Submissão: 21/12/2024

Aceite: 05/06/2025

Editor responsável pela avaliação: Ciro Inácio Marcondes

Editora de Leiante: Beatriz Amália Albarello

Copyright © 2026 Caroline dos Santos. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição, que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.